

SEXUALIDADE NA ESCOLA: PENSAMENTOS E PERCEPÇÕES DOS ALUNOS ACERCA DA EDUCAÇÃO SEXUAL

Danieli Almeida de Araújo Rodrigues Bulhões
Graduanda em Pedagogia, UFPB-CCAIE- DED
danieliaraujo@bol.com.br

Merian Aparecida Poluceno da Silva
Graduanda em Pedagogia, UFPB-CCAIE- DED
mpoluceno@hotmail.com

Joseval dos Reis Miranda
Professor da UFPB-CCAIE-DED
josevalmiranda@yahoo.com.br

GT 19 - SEXUALIDADES E JUVENTUDES: INTERFACES EDUCATIVAS

RESUMO:

O artigo reflete sobre a Educação Sexual e a forma como ela acontece na escola. A escola possui um papel importante na educação dos indivíduos na sociedade e alguns princípios básicos deverão ser trabalhados como a Educação Sexual assegurando o resgate do indivíduo enquanto sujeito de suas ações, favorecendo a sua cidadania, o respeito, o compromisso, o cuidado com o outro e com ele mesmo. Para isso realizamos a pesquisa a partir da visão que os alunos têm sobre a sexualidade, e de como eles percebem a forma que a Educação Sexual é tratada na escola. A pesquisa foi realizada com alunos de uma turma do 9º ano do Ensino Fundamental através da aplicação de um questionário com questões abertas e fechadas. Os resultados apontam que o trabalho realizado pela escola sobre Educação Sexual é de forma superficial e com informações somente ligadas a uma concepção saúde/doença.

Palavras-chave: Sexualidade. Educação Sexual. Formação humana.

Introdução

A sexualidade é um tema presente na vida dos indivíduos, porém na sociedade em que vivemos tratar sobre sexo ainda provoca certos constrangimentos, muitos pais e professores ainda têm esse tema como tabu, evitando ao máximo conversar sobre este assunto com os jovens. Porém, a educação sexual é de extrema importância para a formação humana e deveria ser tratada de forma natural. Segundo Nunes:

Não é uma tarefa fácil a abordagem da sexualidade. Pois a riqueza dessa dimensão humana e toda a sedimentação de significações que historicamente se acrescentou sobre a mesma, acabaram engendrando um certo estranhamento do sujeito humano com sua própria sexualidade. (NUNES, 1987, p. 13).

A reflexão do que seja sexualidade é necessária para a formação humana, e como educadores, devemos ter esse olhar crítico para as questões acerca dessa temática, tendo a preocupação de contribuir para o entendimento do aluno sobre o que seja sexualidade. De acordo com Carvalho, “A sexualidade refere-se a um dos âmbitos que compõe a subjetividade e que se conecta não apenas ao prazer, mas a outros elementos, como a afetividade, a autonomia, a liberdade (e que não se restringe aos fins reprodutivos).” (CARVALHO *et al*, 2012, p. 72).

Assim, a educação sexual vem contribuir para a formação dos alunos, desde a infância, onde a sexualidade já é presente em suas vidas, seguindo pela pré-adolescência e adolescência, devendo ser tratada em todos os âmbitos que ela abrange em suas vidas e que são de extrema importância para sua formação humana.

O presente artigo tem como objetivo geral abordar as questões de sexualidade no contexto escolar, tendo como pressuposto as orientações dos Parâmetros Curriculares Nacionais - temas transversais: Pluralidade cultural e orientação sexual, e que contribui para o professor perceber a educação sexual como orientação para preparar os adolescentes para a vida sexual de forma segura, chamando-os à responsabilidade de cuidar de seu próprio corpo para que não ocorram situações futuras indesejadas, mostrando que também é papel da família essa formação.

Temos como objetivos específicos, analisar a visão que os alunos têm sobre a sexualidade, como eles a compreendem e como esta é tratada na escola. Com estes objetivos traçados, buscaremos realizar uma reflexão sobre como o tema Educação Sexual é tratada na escola, e esta reflexão se dará a partir da visão dos alunos, que são os sujeitos desta formação.

Para a realização deste trabalho, utilizamos como metodologia a análise de dados obtida por um questionário semiestruturado, o qual era composto por treze perguntas sendo nove abertas e quatro fechadas. O questionário foi aplicado na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Umbelina Garcez, localizada na Rua Dom Vital, S/N, Centro, Mamanguape - PB. Escolhemos esta escola por estar localizada no centro da cidade e se tratar de uma escola tradicional na cidade, abrangendo alunos de várias outras localidades da cidade tanto da zona urbana quanto da zona rural, e também pelo fato de já termos estagiado nesta escola, o que nos permitiu uma comunicação mais tranquila com equipe a diretiva para podermos aplicar o questionário.

Foram aplicados 28 questionários, com alunos na turma do 9º ano no período da tarde, essa turma foi escolhida para compor a pesquisa por se tratar de uma turma de adolescentes com uma faixa etária entre 14 e 17 anos, que por já estarem concluindo o Ensino Fundamental

e por estarem em uma idade em que a sexualidade é muito presente nas conversas entre amigos, em que dúvidas, desejos e curiosidades que vão surgindo, são importantes que tenham um conhecimento bastante relativo sobre a sexualidade. Por estes fatores, as questões aplicadas buscaram abordar exatamente qual o conhecimento do aluno sobre a sexualidade.

Deste modo, tivemos a oportunidade de observar o quanto à sexualidade ainda é pouco tratada na escola, e quando é tratada, se resume aos aspectos reprodutivos. Gesser *et al* abordam que, “[...] a ausência de disciplinas formadoras nessa perspectiva dificulta o desenvolvimento de uma prática pedagógica transformadora no cotidiano escolar.” (GESSER *et al*, 2012, p. 231). Abordaremos estas questões durante o trabalho, realizando uma análise comparativa entre os dados da pesquisa e as abordagens teóricas que contribuem para nossa reflexão, na busca de compreender o trabalho realizado com a educação sexual no cotidiano escolar.

A presença da sexualidade no ser humano

A sexualidade se faz presente na vida humana no logo após o seu nascimento, estando ligada a vários comportamentos que durante toda vida vão sendo despertados, desde um simples toque de mão, um abraço carinhoso, ou até mesmo palavras que tenham um significado afetivo, esses comportamentos ocasionam em muitas situações o desejo e a necessidade de vivenciar mais essas experiências.

A construção dos alicerces da sexualidade começa na infância com a capacidade de se ligar afetivamente, a identidade sexual, o registro de climas e situações que causam excitação, o respeito, a confiança em si e no outro, a permissão ao prazer sexual, a imagem corporal, as normas sociais, os valores morais entre outros (VILELA, 2008). As crianças estão sujeitas ao convívio com as outras pessoas e, por isso, também estão sujeitas às influências da sociedade com suas afetividades, experiências, representações e até preconceitos. Estas experiências vão determinando escolhas na construção de suas identidades e comportamentos. A curiosidade, a descoberta das diferenças e do prazer obtido pelo próprio corpo são assuntos presentes no nosso cotidiano e que fazem parte do desenvolvimento da sexualidade. É preciso compreender que tais manifestações, mais do que prazerosas, são parte do desenvolvimento sexual saudável. Não adianta esconder, fingir que a sexualidade não existe.

Os pais educam sexualmente seus filhos de maneira informal e às vezes de maneira formal, porém, na maioria das vezes isso ocorre de maneira equivocada pelo fato dos pais

atribuírem certos preconceitos com relação à descoberta da sexualidade da criança. Jurberg contribui com esta reflexão quando diz que:

Quanto à sexualidade infantil, podemos observar que, quando as crianças aprendem sozinhas a executar uma determinada tarefa que demande inteligência ou coordenação motora, os pais são os primeiros a elogiá-las em seus desempenhos ou sua criatividade [...] mas quando eles fazem os mesmos como próprio corpo, quando o exploram e encontram uma zona cuja manipulação lhes dá prazer, os pais não sabem como agir, ficam perplexos e tentam evitar novas oportunidades, seja através de reprimendas, mentiras sobre os efeitos em sua saúde [...] (JURBERG, 2001, p. 36).

É importante compreendermos a presença da sexualidade nesta fase, promovendo as condições necessárias para um desenvolvimento saudável da sexualidade. A criança deve encontrar apoio e orientação nesse processo, para que se constitua como sujeito ciente da sua sexualidade. Portanto, a participação dos pais é de suma importância nesse processo, e a escola tem a função de complementar o que teve início em casa, suprimindo lacunas e revendo conceitos corrompidos, promovendo uma educação de qualidade na formação do aluno.

Quando falamos em sexualidade logo ligamos à prática sexual, mas sexualidade vai bem mais além do que apenas o ato sexual, até pouco tempo, era inconcebível o fato de crianças serem sexuadas, pois para a sociedade, sexo não é coisa de criança, e realmente não é mesmo, se olharmos a sexualidade apenas dentro de sua função reprodutora. No entanto, sabemos hoje que a sexualidade também tem outra função, a relacional, e que o ser humano passa por vários estágios evolutivos até atingir a sexualidade adulta, a transição da fase infantil para a adolescência é bem definida, como reflete Jurberg (2001) quando fala que, a passagem da fase infantil para a adolescência possui indicadores bem definidos, que seriam as mudanças ocorridas durante a puberdade. E nessa fase que surge a preocupação dos pais em como abordar esse tema com seus filhos, como educá-los sexualmente. Muitos professores também compartilham essa preocupação, tendo dificuldade de abordar esse tema com seus alunos. Alencar (2008) contribui com essa discussão quando diz que: “Embora haja um consenso entre os estudiosos sobre a necessidade de promover a discussão de questões referentes à sexualidade, na prática, educadores e pais ainda apresentam dificuldades em abordar o tema com os jovens.” (ALENCAR, 2008, p. 162).

Por isso, a necessidade da escola buscar orientar os pais sobre a necessidade de dialogarem com seus filhos sobre sexualidade, além de promover reflexões em conjunto entre os educadores para que eles sintam-se mais seguros e preparados para tratar de sexualidade com seus alunos de forma livre e espontânea, tornando esse tema um assunto a ser refletido e discutido pelos jovens. A sexualidade deve ser trabalhada nas escolas e em casa com a própria

família de forma correta, sem preconceitos, tabus e julgamentos, levando os jovens à informação e à formação para exercer sua sexualidade de forma segura e saudável.

A importância da educação sexual na escola

A sexualidade tem grande destaque na sociedade em que vivemos a mídia, a internet, as revistas, as músicas vêm apresentando esse tema tão pensado pelos jovens. Almeida; Assis, refletem que, “Na mídia, o discurso da sexualidade passa a ser traduzido nas novelas, nos programas de debates do rádio e da televisão, nas notícias de jornais e revistas e mesmo na internet, aonde tem como mote a discussão em torno de como fazer sexo.” (ALMEIDA; ASSIS. 2010, p. 203).

Porém, apesar dessa demanda sobre o tema, a educação sexual ainda é vista como um tabu, onde os pais não se sentem preparados para tratar dessa temática com seus filhos, os professores evitam assumir esta responsabilidade, deixando esse tema para ser tratado apenas nas aulas de ciências. Antigamente, e ainda hoje, falar sobre sexo provoca certos constrangimentos nas pessoas, mas o tema é de extrema importância, pois esclarece dúvidas sobre preservativos, DSTs, o corpo humano, anticoncepcionais, gravidez entre outros. E vai além destes assuntos, falar de sexualidade é ensinar e esclarecer questões relacionadas ao prazer, às escolhas, à liberdade e ao sexo livre de preconceito.

A educação sexual é um tema de grande importância a ser tratado nas escolas, por ter a função de preparar, esclarecer e alertar os alunos para se prevenirem contra doenças sexualmente transmissíveis, ou uma gravidez indesejada e prepará-los também para compreender e respeitar as diversidades presentes no âmbito da sexualidade, para que não assumam uma postura preconceituosa, mas que aprendam a respeitar as diversidades. Infelizmente, poucas são as escolas que abordam esse tema em seus projetos pedagógicos.

Os temas transversais são constituídos pelos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN's e compreendem a importância de se trabalhar a sexualidade na escola como forma de ensinar conceitos e valores básicos à democracia e à cidadania. “O Trabalho de orientação na escola é entendido como problematizar, levantar questionamentos e ampliar o leque de conhecimentos e de opções para que o aluno, ele próprio escolha seu caminho.” (BRASIL, 1998, p. 121).

Os PCNs trabalham com a nomenclatura “Orientação Sexual”, porém consideramos que o termo orientar se restringe a ideia de guiar, mostrar, não considerando toda a complexidade de interpretação, conhecimento, opinião e escolhas que a sexualidade abrange

na vida dos indivíduos. Os PCNs utilizam este termo para apresentar as intervenções educativas promovidas pela escola. Ao refletir essas questões, preferimos fazer uso do termo “Educação Sexual”, por entendê-la como adequada ao sentido de formar os indivíduos como sujeitos críticos, que conhecem a diversidade presente no exercício da sexualidade, e que respeitam e sentem-se seguros a escolher o caminho que mais lhes completa como seres humanos. “A sexualidade tem grande importância no desenvolvimento e na vida psíquica das pessoas, pois independentemente da potencialidade reprodutiva, relaciona-se com a busca do prazer, necessidade fundamental dos seres humanos.” (BRASIL, 1998, p. 117).

A Educação Sexual, portanto, abrange mais que os aspectos de saúde ou de reprodução sexual, ela se vale da afetividade, do respeito e da responsabilidade que a sexualidade exige. Ela atua como forma de contribuir para que os alunos possam desenvolver e exercer sua sexualidade com prazer e responsabilidade, incluindo também a esse tema o exercício da cidadania na medida em que, de um lado, se propõe a trabalhar o respeito por si e pelo outro e por outro lado busca garantir direitos básicos a todos.

A orientação sexual (Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais) não é uma disciplina autônoma, mas um tema que permeia todas as áreas do conhecimento, e está sendo intensamente vivido pela sociedade, pelas comunidades, pelas famílias, pelos alunos e educadores em seu cotidiano. Os Temas Transversais caracterizam-se por um conjunto de assuntos que aparecem transversalizados em áreas determinadas do currículo e atuam como eixo unido, em torno do qual se organizam as disciplinas, devendo assim ser trabalhados de modo coordenado e não como um assunto descontextualizado nas aulas, os Temas Transversais são, “Amplios o bastante para traduzir preocupações da sociedade brasileira de hoje, os Temas Transversais correspondem a questões importantes, urgentes e presentes sob várias formas, na vida cotidiana” (BRASIL, 1998, p. 15).

Sendo a escola o local onde os alunos ficam grande parte do dia, é necessário que sejam tomadas ações para levar estes jovens às informações que lhes foram negligenciadas no âmbito familiar e na sociedade. Conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais,

[...] é necessário que o educador tenha acesso à formação específica para tratar de sexualidade com crianças e jovens na escola, possibilitando a construção de uma postura profissional e consciente no trato desse tema. Os professores necessitam entrar em contato com suas próprias dificuldades diante do tema através de formação continuada, questões teóricas, leituras e discussões referentes à sexualidade e suas diferentes abordagens. (BRASIL, 1998, p. 31).

O profissional da educação precisa ter formação adequada para lidar com essas situações, desta forma ajuda o aluno acabar com as dúvidas e ansiedades que surgem, quando o

tema tratado é o sexo. O educador mais do que preparo técnico, precisa possibilitar o aluno ao reconhecimento das suas necessidades e desejos, desenvolvendo assim a cognição, a afetividade e a responsabilidade de cuidar do próprio corpo.

A voz dos alunos sobre sexualidade: refletindo os dados da pesquisa

Realizamos a análise dos dados com alunos do 9º ano do Ensino Fundamental, da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Umbelina Garcez, em uma classe com 28 alunos. Todos se dispuseram a participar da pesquisa, e responderam um questionário semi-estruturado com 13 questões abertas e fechadas, escolhemos preservar as identidades dos alunos que participaram do questionário, identificando apenas cada questionário em uma ordem, aluno 1, aluno 2 e assim até corresponder a quantidade de questionários respondidos. Através da análise destes questionários, percebemos a visão que os alunos têm sobre sexualidade e de como percebem o trabalho realizado pela escola para tratar dessa temática.

Ao perguntarmos aos alunos com qual frequência a Educação Sexual era tratada na escola, 39% responderam que *poucas vezes*, 39% responderam que este tema *raramente* é discutido na escola, 22% relatou que o tema *nunca* é tratado na escola e nenhum aluno respondeu que *muitas vezes* este assunto é tratado na escola. Ao mesmo tempo 71% acreditam que a Educação Sexual ajuda na sua educação, 25% acreditam que ajuda mais ou menos, e 4% acreditam que não ajuda. Percebemos que apesar de quase não tratarem de Educação Sexual na escola, esses alunos mostram em sua maioria que acreditam na importância da educação sexual para sua formação como sujeitos.

Esses jovens mostram em suas respostas que sentem necessidade de conversar com alguém sobre sexualidade, porém não encontram alguém que lhes oriente acerca dessa temática. Isso fica evidente no seguinte depoimento:

Geralmente eles não falam sobre esse assunto com a gente. (Aluno 3).

Os pais demonstram apreensão ao falar com seus filhos sobre o tema, e acabam deixando de lado essa educação. Ao perguntarmos se os alunos conversam sobre sexualidade com os pais, 82% responderam que não, 14% responderam que sim e 4% responderam que mais ou menos.

Muitos alunos ainda reclamam sobre essa distância, ao perguntarmos o que os alunos entendiam sobre educação sexual, uma aluna relatou:

Eu não entendo muito porque meus pais não falam muito disse e quando eu toco no assunto eles ficam reclamando. (Aluna 1).

Nessa questão, muitos relatam que não sabem muita coisa e apenas o que sabem é sobre doenças sexualmente transmissíveis e da importância da prevenção.

Eu não entendo nada, só entendo sobre doenças sexualmente transmissíveis. (Aluna 2).

Eu não entendo nada. (Aluno 12).

Eu entendo que é uma coisa importante. (Aluno 16).

Não muita (Aluno 26).

Estas respostas nos levam a perceber que os alunos não têm muito espaço para conversar com os pais sobre sexualidade, restando a eles falarem desse assunto na escola, porém o único assunto tratado na escola sobre a sexualidade refere-se à prevenção de doenças sexualmente transmissíveis e métodos contraceptivos, confirmando assim uma visão restrita sobre a sexualidade do ser humano.

[...] tem que se prevenir sempre, para não pegar certas doenças como HIV. (Aluno 8).

[...] para ter relação com outra pessoa tem que se prevenir. (Aluna 21).

[...] se não nos prevenirmos podemos pegar doenças. (Aluno 24).

Quando perguntamos aos alunos sobre qual assunto era tratado na escola, a maioria relatou que o assunto se refere às DSTs.

Fala como se proteger e quais são as consequências de não usar corretamente a camisinha e também explicam quais são as doenças. (Aluno 4).

[...] falam mais sobre camisinha. (Aluna 25).

Que temos que nos cuidar para não pegar doenças ou ter filhos. (Aluna 27).

Segundo Quirino; Rocha (2012) “[...] a sexualidade não pode permanecer como assunto restrito das ciências biológicas, valorizando os aspectos físicos e os hábitos saudáveis, em um discurso essencialista.” (QUIRINO; ROCHA, 2012, p. 208).

Outro fator que nos chama a atenção é sobre a frequência que este assunto é tratado na escola, e quem trata desse assunto com os alunos. Um aluno relatou:

Quando veio uma mulher falar sobre isso, veio mais pra falar em questão de AIDS, e como deve se prevenir. (Aluno 28).

Esta resposta nos mostra que o assunto referente à Educação Sexual, normalmente é tratado por palestrantes que vão à escola, e na sua maioria são profissionais da área da saúde.

Segundo Almeida; Assis (2012) [...] o discurso acerca da sexualidade engloba não apenas o ambiente particular, mas alcança o espaço público, principalmente por meio das campanhas de prevenção de doenças sexualmente transmissíveis e da gravidez fornecidas pelo Ministério da Educação.

Outra questão que nos chamou atenção foi à resposta dada pelos alunos quando perguntamos com quem eles se sentem mais à vontade para falar sobre sexualidade, a maioria conversa com amigos ou com pessoas que se sentem mais próximas, como tias, irmãos, e quando se sentem à vontade, com os pais. Uma aluna respondeu:

Acho que com minha amiga. (Aluna 1).

Eu me sinto à vontade a falar sobre sexualidade com meu namorado e minhas amigas. (Aluna 2).

Com meu pai, porque eu sou homem. (Aluno 4).

Depende, eu não falo, quando algumas pessoas falam a gente entra no assunto (amigos). (Aluna 25).

Estas respostas nos leva a refletir que a Educação Sexual realmente deve ser tratada de forma espontânea, que os jovens não querem tratar desse assunto de maneira formal, mas querem que conversas assim lhes dêem liberdade para tirar suas dúvidas, expor seus medos, suas curiosidades, enfim estarem à vontade para falar de sexo, de afetividade, de conquistas, de responsabilidades, de opiniões próprias.

É um equívoco pensar que os jovens não têm nada a dizer, pois eles sabem de muita coisa e deseja tirar muitas outras dúvidas, eles querem alguém que fale a língua deles, sem os criticarem ou reprimirem, alguém que respeite suas opiniões, suas diversidades e que lhes ajudem a aprender mais sobre a sexualidade. Ao perguntarmos se os alunos se sentiam à vontade para falar de sexualidade com seus professores, muitos responderam que não, porque sentem vergonha e preferem tratar desse assunto com pessoas mais íntimas. Alguns, porém, responderam que sim, porque sentem que os professores sabem desse assunto.

Na verdade, é preciso que o professor crie um clima de confiança com os alunos para tratar sobre sexualidade, Gesser *et al* reflete que o professor “ [...] deve se mostrar disponível para conversar com questões referentes à sexualidade, de forma direta e esclarecedora.” (GESSER *et al*, 2012, p. 230). É papel de o educador criar um clima de confiança, para que possa debater com seus alunos, levando-os a refletirem sobre os diferentes tabus, preconceitos, crenças e atitudes existentes na sociedade, construindo um conhecimento sobre o assunto e formando-os para serem críticos e aprenderem a compreender e respeitar as diversidades existentes.

Perguntamos também aos alunos se eles já presenciaram alguma situação de preconceito que envolvesse assuntos sobre sexualidade, à maioria respondeu que não, porém sabemos que o preconceito ainda é muito presente nas escolas, principalmente na fase da adolescência, quando muitos jovens começam a perceber sua sexualidade e definir suas escolhas sexuais. Muitas vezes por falta de esclarecimento, os jovens não entendem essas diversidades e acaba agindo de forma preconceituosa com alguns colegas, simplesmente por eles não se encaixarem no “modelo perfeito” ou no “padrão” definido pela sociedade. Sobre esse assunto, FURLANI resalta:

Parece-me importante, portanto, discutir como as identidades culturais são produzidas nas práticas sociais através de um processo de produção da diferença [...] Sabemos que todo processo e toda dinâmica de formação de identidades referem-se à existência de um outro (que não sou eu; que é diferente de mim) [...] Assim, a identidade só fará sentido numa cadeia discursiva de diferenças: “o que ela é” será totalmente dependente “daquilo que ela não é”. [...] Aspectos esses indispensavelmente questionáveis na Educação Sexual que busca problematizar o sexismo, a misoginia, a homofobia, as diversas formas de preconceito e exclusão. (FURLANI, 2007, p. 273).

Por isso entendemos e ratificamos a importância da educação sexual não se limitar às questões de contracepção ou de doenças sexualmente transmissíveis. A educação sexual deve abranger mais aspectos relacionados à sexualidade, deve formar os alunos para compreenderem questões que abrangem sexo, sexualidades e gêneros, tornando-se reflexivos quanto à esses assuntos, de forma que possam “[...] expressar uma ampla vida sexual, concebê-la em todas as fases da vida, admitir práticas sexuais distintas daquelas voltadas à reprodução, considerar a existência de uma subjetividade no prazer humano, entre outras coisas [...]” (FURLANI, 2007, p. 282).

Por fim, ao perguntarmos sobre como os alunos gostariam que a sexualidade fosse tratada na escola, obtivemos as seguintes respostas:

Com respeito e seriedade. (Aluna 1).

Eu gostaria que fosse tratada mais vezes. (Aluna 2).

Como qualquer outra aula [...] (Aluno 4).

Com maior esclarecimento. (Aluna 15).

De uma forma que todos se enturmassem e falassem sobre. Sem vergonha. (Aluna 21).

Percebemos que os alunos desejam que a educação sexual apareça com mais frequência na realidade escolar, que eles possam encontrar espaço para tratar deste assunto que tanto fascina e apavora que tanto preocupa ao mesmo tempo em que se torna necessário. De fato a sexualidade faz parte da natureza humana e deve receber o devido cuidado para que se desenvolva de maneira saudável e prazerosa.

Considerações finais

Ao final deste trabalho, percebemos a importância da Educação Sexual na formação dos alunos, que além de tratar sobre doenças sexualmente transmissíveis, prevenção e métodos contraceptivos, a Educação Sexual deve abranger muito mais, deve se levar em conta as questões de subjetividade dos alunos, respeitando as diversidades e formando-os para viver uma vida sexual saudável.

Concluimos que, sendo a Escola um espaço de educação formal, onde os jovens passam um grande número de horas por dia, onde convivem com os seus pares, onde iniciam muitas vezes as suas relações afetivas e onde esta temática tem um espaço curricular formal, a pesquisa realizada através dos questionários mostram que, a escola está longe de cumprir o seu papel no que se refere a inserir a educação sexual como um tema transversal.

Entendemos que é preciso que os professores tenham uma formação adequada para que percebam a importância da educação sexual, do papel que a escola pode desempenhar na educação para a sexualidade dos jovens que a frequentam, e de como essa educação é importante para o seu desenvolvimento. Pensamos ainda que é tempo de se implementar na escola uma educação sexual, autêntica, cujos objetivos não se restrinjam apenas à comunicação de informação mas, prossiga objetivos mais vastos e mais integrados de preparação do jovem para a vida adulta com vista a construção e a vivência da sua sexualidade de forma prazerosa, responsável, saudável e respeitadora.

Referências

ALENCAR, R. A. Desenvolvimento de uma proposta de educação sexual para adolescentes. **Ciência e Educação**. v. 14, n. 1, p. 159-168, 2008.

ALMEIDA, Ana Paula Evangelista de; ASSIS, Glauber Loures de Assis. A sexualidade como construção social. CSOnline – **Revista Eletrônica de Ciências Sociais**. ano 4, ed. 10. mai./ago. 2010.

BRASIL. **PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS** (1^a a 5^a ano): apresentação dos Temas Transversais. Secretaria de Educação Fundamental, Brasília, MEC/SEF, 1997.

BRASIL. **PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS** (1^a a 5^a ano): orientação Sexual. Secretaria de Educação Fundamental, Brasília, MEC/SEF, 1997.

CARVALHO, Cíntia de Sousa; *et al.* Direitos sexuais de crianças e adolescentes: avanços e entraves. **Psicologia Clínica**. Rio de Janeiro, v. 24. n. 1. 2012.

FURLANI, Sexos, sexualidades e gêneros: monstruosidades no currículo da educação sexual. **Educação em revista**. Belo Horizonte. n. 46. dez. 2007.

GASSER, Marivete; *et al.* Psicologia escolar e formação continuada de professores em gênero e sexualidade. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional, SP**. v. 16. n. 2. jul/dez. 2012.

JURBERG, Marise Bezerra. A construção social da sexualidade: da identidade biológica à identidade sócio-cultural de gênero. **Revista Scientia Sexualis**. v. 7. n. 2. 2001.

NUNES, César Aparecido. **Desvendando a sexualidade**. Campinas, SP: Papirus, 1987.

QUIRINO, Glauberto da Silva; ROCHA, João Batista Teixeira de. Sexualidade e educação sexual na percepção docente. **Educar em Revista**. Brasil, n. 43, p. 205-224. jan/mar. 2012.

VILELA, Maria Helena. Educação Sexual se faz todo dia. Nova escola. Agosto, disponível em <http://revistaescola.abril.com.br/crianca-e-adolescente/desenvolvimento-e-aprendizagem/educacao-sexual-cada-dia-432338.shtml>, 2008.